



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

ETNICIDADE: UM NOVO NACIONALISMO
O PAPEL DOS CANAIS VIA SATÉLITE NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE ÁRABE-BRASILEIRA

STHEPHANI MOREIRA DANTAS

Rio de Janeiro

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

ETNICIDADE: UM NOVO NACIONALISMO
O PAPEL DOS CANAIS VIA SATÉLITE NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE ÁRABE-BRASILEIRA

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

STEPHANI MOREIRA DANTAS

Orientador: Prof. Dr. Mohammed El Hajji

Rio de Janeiro
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

DANTAS, Sthephani Moreira

Etnicidade: Um novo nacionalismo. O papel dos canais via satélite na construção da identidade árabe-brasileira. Rio de Janeiro, 2010.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Mohammed El Hajji

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Etnicidade: Um novo nacionalismo. O papel dos canais via satélite na construção da identidade árabe-brasileira**, elaborada por Sthephani Moreira Dantas.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Mohammed El Hajji

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares D’Amaral

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Me. Augusto Gazir

Avaliador convidado

Rio de Janeiro

2010

DANTAS, Sthephani Moreira. **Etnicidade: Um novo nacionalismo. O papel dos canais via satélite na construção da identidade árabe-brasileira.** Orientador: Mohammed El Hajji. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relacionar o papel dos canais árabes via satélite na formação de uma identidade árabe entre descendentes de imigrantes com a importância que a imprensa teve na formação dos estados nacionais na Europa. Por meio dessa relação, pretende-se mostrar que a imprensa, no contexto de uma sociedade globalizada, tem o poder de criar identidades transnacionais. Se antes ela ajudou a criar nações, agora, ajuda a criar o sentimento de pertencimento a uma nação ou a um grupo mesmo que se esteja fora. Isso se dá pois o acesso a esses canais possibilita a manutenção de vínculos com os países de origem dos imigrantes, permitindo a troca de informações sobre o que está acontecendo e até mesmo o surgimento de assuntos e interesses em comum com quem permaneceu no território original. Além disso, o sucesso dos canais via satélite de diferentes nacionalidades é a prova de que, no Brasil, formou-se uma identidade árabe-brasileira; que é maior que as diferenças nacionais entre os imigrantes. A tal unidade árabe foi possível, sim; mas fora dos países de origem dos imigrantes.

DEDICATÓRIA

*À minha família, que, como os imigrantes árabes,
não mediu esforços para garantir a minha educação.*

“The stranger is thus being discussed here, not in the sense often touched upon in the past, as the wanderer who comes today and goes tomorrow, but rather as the person who comes today and stays to morrow. He is, so to speak, the potential wanderer: although he has not moved on, he has not quite overcome the freedom of coming and going.” (GEORGE SIMMEL)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que tanto se esforçaram ao longo da vida para que eu pudesse chegar à universidade – conseguimos!

Aos meus avós, que sempre estiveram presentes, garantindo minhas conquistas e dando apoio em tudo que eu fizesse.

Ao querido Vítor Lopes, que esteve do meu lado durante todo o Ensino Médio e faculdade, e não me abandonou mesmo nessa reta final, quando estar comigo era uma mistura de alegria e saudade. Você foi essencial para que esse momento chegasse.

Aos amigos que a ECO me trouxe. Tenho certeza que não teria chegado aqui sem vocês. Vocês me fizeram ver o mundo de maneira diferente, cada um do seu jeito.

Aos amigos de sempre e familiares, a quem pude recorrer sempre que precisei.

A Mohammed El Hajji, que aceitou o desafio de me orientar diante de circunstâncias tão complicadas.

Ao professor Márcio Amaral por abrir minha cabeça para um outro mundo já no primeiro período e aceitar o convite para compor minha banca e, assim, terminar o ciclo que começou no primeiro semestre de 2007.

A Augusto Gazir, também membro da banca, com quem tive a honra de conviver – e aprender – na ECO por dois anos. Ele foi o responsável por trazer de volta a empolgação com a profissão, que muitos de nós tínhamos perdido quando chegamos ao ciclo profissional e nos ensinar a arte de ser “mosca na parede”. Virou parâmetro de bom jornalismo e um amigo a quem recorrer na hora de crises existenciais profissionais.

A todos os professores da ECO, que de alguma forma contribuíram para que esse dia chegasse. Foi sentir muita saudade das salas de aula e dos corredores dessa escola, onde tanto aprendi e fui feliz nesses últimos quatro anos.

Aos profissionais com quem aprendo diariamente na GloboNews e aos corajosos funcionários e ex-funcionários do Jornal do Brasil, que me ensinaram a ser jornalista, mesmo diante de condições tão adversas.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. O imigrante árabe no Brasil.....	5
2.1. Histórico da imigração árabe no Brasil	6
2.2. A negociação da identidade árabe	8
2.2.1. Críticas à imigração árabe.....	9
2.2.2. A busca pela legitimação	12
2.2.2.1. Aspecto educacional da negociação da identidade árabe	12
2.2.2.2. Aspecto cultural da negociação da identidade árabe.....	15
2.2.2.3. Aspecto político-econômico da negociação da identidade árabe.....	15
3. Mídia árabe	19
3.1. Árabes e a tradição de comunicar	19
3.2. O boom dos canais árabes via satélite	21
3.2.1. Perfil dos canais árabes.....	22
3.2.2. Perfil dos telespectadores no Brasil	24
3.2.2.1. Entretenimento para todos; política para a elite.....	25
3.2.2.2. Muçulmanos: TV árabe em substituição à brasileira (“liberal demais”).....	27
3.3. O alcance dos canais árabes.....	28
4. A imprensa e a formação de identidades.....	30
4.1. O conceito de nação.....	30
4.2. Imprensa e formação de identidades	32
4.3. Nacionalismo X Etnicidade	33
5. Canais via satélite e a formação da identidade árabe.....	34
5.1. Criando um repertório comum.....	34
5.1.1. Telejornais: fontes locais como alternativa	34

5.1.2.	Entretenimento: combustível para bate-papo.....	35
5.2.	Árabe: união pela língua.....	36
5.3.	Etnicidade árabe: uma forma de nacionalismo	37
5.3.1.	Etnicidade imaginada	38
5.3.2.	Etnicidade limitada.....	38
5.3.3.	Etnicidade soberana.....	38
5.3.4.	Etnicidade política	39
5.4.	Etnicidade e nacionalismo: a prova real	40
6.	Conclusão	41

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de imigrantes. Mas é um país de brasileiros, acima de tudo.

A negociação dessa dupla identidade entre descendentes de imigrantes sempre se refletiu em um conflito mediante os costumes familiares e o mundo externo (escola, amigos, trabalho, etc). Quanto mais próximos os povos (portugueses e brasileiros, por exemplo), mais fácil era conciliá-los. No caso dos árabes, a distância sempre foi maior.

Para começar, sua imigração não foi bem-vinda – eram extremamente criticados pela elite colonial e pelo governo. Foram vistos como “sanguessugas” e aproveitadores, que apenas se aproveitavam dos recursos do país, sem trazer nada em troca. Veremos no capítulo a seguir, uma série de exemplos desse preconceito com médio-orientais – e também como a colônia se esforçou para mudar sua imagem.

Atualmente, 130 anos depois de o primeiro grupo de árabes chegar ao Brasil, muito mudou. Eles são estrelas em novelas, campanhas publicitárias, tema de séries de reportagens no horário nobre e sua comida foi elevada ao nível de alta gastronomia.

Afinal, por que tamanha transformação, em espaço tão curto de tempo? Esse é um dos aspectos sobre a imigração árabe que veremos neste trabalho: a mudança em relação à imagem da colônia. Nesse sentido, estudaremos o processo de negociação da identidade desses imigrantes.

Meu interesse na negociação da identidade árabe se deve a uma especificidade desses imigrantes: a união entre diferentes nacionalidades frente às diferenças do Brasil. Isto é, libaneses e iraquianos, por exemplo, que poderiam ser tão distantes em seus países de origem, se sentem parte de um mesmo grupo aqui no Brasil – afinal, perto dos outros, os brasileiros, a comparação é inevitável, pelo menos os dois grupos falam a mesma língua. O presente trabalho consiste em uma análise do papel dos canais árabes via satélite, que atualmente chegam às casas da colônia, na construção dessa identidade comum.

Além disso, uma característica do Brasil também precisa ser levada em consideração: a hospitalidade, que costuma ser exaltada quando conversamos com imigrantes e descendentes árabes, que comparam o Brasil a outros países de destino de emigração, sempre exaltando a

receptividade do nosso país, onde todos seriam tratados de maneira igual e não haveria perseguição religiosa. Além disso, o Brasil até pode ser o país onde “em se plantando tudo dá”, como anunciou Pero Vaz Caminha ao imperador à época do descobrimento, mas, para esses imigrantes, é o país em que a quantidade de trabalho é diretamente proporcional ao lucro que se tem. Foi aqui que eles enriqueceram, depois de sair de seus países de origem pelos mais variados motivos.

Não se pode ser inocente e afirmar que a negociação da identidade foi um conto de fadas, há de fato uma grande diversidade dentro da colônia árabe e obviamente há diferenças entre as várias nacionalidades, mas, de uma maneira geral, essa aproximação só existe aqui no Brasil. Essa especificidade não pode ser negada. Pelo contrário, precisa ser estudada. E, no âmbito da conclusão de um curso de jornalismo, poder fazê-lo por meio de um fenômeno de comunicação de massa é um diferencial.

Pretende-se aqui contar um pouco da história desses imigrantes, mostrando como houve a negociação de sua identidade e o papel que os meios de comunicação tiveram nesse processo. Além disso, utilizo a colônia árabe no Brasil para tratar do conceito de nacionalismo em tempo de globalização. O estudo da maneira como os canais árabes via satélite são recebidos pela colônia é uma forma de fazê-lo.

Para isso, foi preciso um trabalho de pesquisa por meio de entrevistas com membros da comunidade árabe. Conversei com imigrantes e descendentes, principalmente do Líbano e da Síria, mas também iraquianos e palestinos. A colônia é extremamente aberta e receptiva, o que facilitou o trabalho de entrevistas, e o contato com a Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio em especial foi bastante frutífero.

O contato, ao vivo ou virtual (por meio de redes sociais), foi extremamente importante para entender como pensam as diferentes gerações de imigrantes e descendentes e de que maneira as questões tratadas de forma acadêmica aqui eram entendidas por eles. Além disso, era necessário também fazer uma pesquisa mais quantitativa, sobre os canais que mais assistiam e de que maneira a inclusão do hábito de assistir TV em árabe tinha modificado seu cotidiano – esse era, afinal, o mote da análise.

O presente trabalho começa com um histórico sobre a imigração árabe no capítulo 2, tópico importante para entendermos as mudanças na “função social” desse tipo de imigrante para o país ao longo do último século e a negociação da identidade árabe. Aliás, como veremos a seguir, só o fato de nos referirmos a árabes e não a turcos, por exemplo, já demonstra um avanço na percepção do brasileiro em relação a eles.

Outra característica da colônia mencionada é o hábito de se comunicar internamente. Sempre houve um grande número de publicações em língua árabe para circulação em clubes e associações. Com os avanços tecnológicos, os membros da colônia descobriram o filão da internet (principalmente os descendentes) e da TV via satélite (mais entre os imigrantes, mas com público misto). E é sobre este fenômeno que vamos falar.

O Brasil tem vivido um *boom* dos canais árabes via satélite recebidos em casa. Basta um decodificador, uma antena e uma taxa de instalação para receber o sinal de uma dezena de canais em língua árabes, de diversos países (pelo pagamento de uma assinatura, pode-se receber mais 14 canais). É sobre os variados perfis de programação e de público característicos de cada emissora que falaremos no capítulo 3, que funciona também como uma espécie de introdução para o capítulo 5, onde se defende a tese que motiva esse trabalho.

Antes, entretanto, em vista dos conceitos tratados, é preciso um capítulo com o embasamento teórico para a análise. Portanto, no capítulo 4, veremos um resumo das ideias de Benedict Anderson e a explicação do conceito de comunidade imaginada, além de uma amostra das críticas feitas ao autor de modo a contextualizar a argumentação. É a partir do conceito de Anderson de nação que partimos para a análise da etnicidade como nacionalismo.

No capítulo 5, desenvolvemos essa teoria, por meio de uma comparação entre o papel dos canais árabes via satélite e o da imprensa na construção dos estados nacionais. Além disso, faz-se uma “prova real” (como na matemática) da possibilidade de se utilizar o conceito de comunidade imaginada para se referir à etnicidade.

O objetivo deste trabalho, portanto, é relacionar o papel dos canais árabes via satélite na formação de uma identidade árabe entre descendentes de imigrantes com a importância que a imprensa teve na formação dos estados nacionais na Europa. Por meio dessa relação, pretende-se

mostrar que os meios de comunicação, no contexto da globalização, podem criar identidades transnacionais.

Se antes a imprensa ajudou a criar nações, agora, ajuda a criar o sentimento de pertencimento a uma nação ou a um grupo mesmo que se esteja fora dos limites do mesmo. Isso ocorre porque o acesso a esses canais possibilita a manutenção de vínculos com os países de origem dos imigrantes, permitindo a troca de informações sobre o que está acontecendo e até mesmo o surgimento de assuntos e interesses em comum com quem permaneceu no território original. A etnicidade mostra-se, portanto, uma nova forma de nacionalismo – ou de transnacionalismo, uma vez que pode “incluir” duas nações.

Mas, afinal, ser um agente duplo é possível? A resposta está nas páginas que se seguem.

2. O IMIGRANTE ÁRABE NO BRASIL

Altair, recém-casada, mora nos arrabaldes de uma aldeia do interior, põe o seu vestido de chita e o xale. Pega o garoto, um azogue de menino, lava-o e passa-lhe talco. Se o garoto tosse, dá-lhe uma colher de xarope, empapa o algodão em cânfora e faz massagem nas suas costas. Vai à cisterna, prende a azêmola na argola da manjorra, põe água na modesta jarra. Vai fazer café e adoça-o com saboroso açúcar-cande. O marido, um mameluco, conhecido pela alcunha Boca-Torta, bem cedinho, já se levanta com enxaqueca, põe as ceroulas, o terno cáqui, bem lavadinho com anil, toma um trago de conhaque de alcatrão São João da Barra ou, se não o tem, vai ao alambique, sorve um gole de jeropiga. Toma a tarrafa e vai pescar no açude. Outras vezes, prefere caçar javali; limpa o azinhavre da espingarda de grosso calibre, sai com o fraldigueiro chamado Sultão e volta com algumas arrobas de carne às costas. À hora do almoço, Altair lhe traz umas azeitonas. Senta-se com ele, e principiam uma salada de alface bem regada a azeite. Vem depois o espinafre, a cabidela, a carne ou o peixe escabeche, ou com alcaparra, que ingere com arroz bem soltinho. Ela lhe oferece um prato com acelga, que rejeita. Prefere alcachofra, por causa do fígado. Vai tomando refresco de tamarindo. À sobremesa, uma boa laranja seleta. (CHEDIAK, 2008, p. 145)

O trecho acima, retirado do artigo “Reprodução integral do discurso no Festival Árabe de 1972” é uma parábola de como a língua árabe influenciou o português falado no Brasil, de maneira que os falantes não podem sequer imaginar. Segundo Antônio Houaiss (1915-1999), do total de cerca de três mil palavras do português primitivo, no mínimo 800 têm origem árabe.

Essa apropriação de vocábulos árabes é a prova do quanto a cultura dos países do Oriente Médio está presente na sociedade e na história brasileiras. Seja pela forte imigração durante o último século, seja por sua profunda influência em Portugal, já que, como os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica, a sua cultura foi, primeiro, “adquirida” pelo país colonizador, e chegou indiretamente aqui no Brasil. Junto com os colonizadores, no século XVI, desembarcaram heranças de sua língua, música, culinária, arquitetura e decoração, técnicas agrícolas e de irrigação, farmacologia e medicina.

Por exemplo, foram os árabes que introduziram na Europa elementos básicos do nosso cotidiano, como os algarismos arábicos – em substituição aos romanos, difíceis de usar para cálculos –, jogos, como o xadrez, e a própria arte caligráfica, pois encaravam a palavra escrita como o meio por excelência da revelação divina. Na culinária, difundiram o uso do café, de

doces próprios e produtos de pastelaria, do azeite, em substituição à proibida gordura de porco, e de muitos outros temperos, como o açafrão, a noz-moscada, o cravo, a canela e pimentas.

Todos esses itens vieram para o Brasil indiretamente – e depois, com a imigração, diretamente, o que com certeza contribuiu para a evolução do país de alguma maneira. Gilberto Freyre falou sobre essa influência em “Casa Grande e Senzala”: “Muito do que no brasileiro não é europeu nem indígena, nem resultado do contato direto com a África negra [...] é ainda o muito do mouro que persistiu na vida íntima do brasileiro através dos tempos coloniais”¹ (apud MELO, 2001, p.14)

2.1. Histórico da imigração árabe no Brasil

O processo imigratório árabe começou no final do século XIX quando a Síria e o Líbano, que então pertenciam ao Império Turco-Otomano, passaram por uma grave crise econômica e ideológica (como a competição por status entre famílias nas aldeias e os frequentes conflitos religiosos entre cristãos e muçulmanos). Preocupante também era o recrutamento militar obrigatório empreendido pelos turcos, em uma época de riscos provocados pela decadência do Império Otomano (SAFADY, 1972).

Estados Unidos, Brasil e Argentina foram os principais países de destino. E o estímulo à emigração foi aumentando à medida que chegaram ao país de origem notícias do sucesso da primeira geração de imigrantes. Redes de parentes, amigos e conterrâneos se articularam, fornecendo referências valiosas aos que decidiam vir. A presença de membros da família tornava, por exemplo, São Paulo mais próxima do imigrante da Síria ou do Líbano do que a Espanha. Notadamente, imigrantes costumam formar essas redes nos países de destino, até para se sentirem mais perto de casa, então favores dos muitos conhecidos eram fundamentais e usuais para o início da vida no novo país: casa, trabalho, escola para os filhos. Muitos dos já estabelecidos ofereciam um crédito inicial – sob a forma de mercadorias, por exemplo – aos recém-chegados (SAFADY, 1972).

1 MELO, Josimar. “Esqueça o medo e vá comer no árabe”, Folha de S. Paulo, 23 set. 2001, p. 14.

No Rio de Janeiro, os imigrantes se estabeleceram, então, na zona onde hoje se encontra o Mercado Saara e deixaram uma marca na arquitetura da cidade. Em oposição às mansões dos portugueses e espanhóis, começaram a construir sobrados (com loja e sobreloja, onde ficavam suas casas), que eram, inclusive, metáfora de sua própria vida: trabalho e moradia – tudo que precisavam e com que se importavam.

A vinda de árabes para o Brasil entrou em declínio após 1940, devido a medidas restritivas do governo brasileiro, que impôs cotas à imigração, e à independência da Síria e do Líbano. Porém, com a guerra civil libanesa (1975-1990), as guerras árabe-israelenses, a ocupação israelense dos territórios palestinos e do sul do Líbano (1982-2000) e a crise econômica, novas levas migratórias chegaram ao Brasil a partir dos anos 1970. Na tabela a seguir, podemos ver a distribuição dos imigrantes árabes no Brasil até 1940.

Tabela 1: Distribuição quantitativa da vinda de imigrantes árabes para o Brasil².

	1884- 1893	1894- 1903	1904- 1913	1914- 1923	1924- 1933	1934- 1939	Total 1884- 1939
Argelinos	•	•	•	•	1	0	1
Armênicos	•	•	•	1	821	4	826
Egípcios	•	51	42	190	355	27	645
Iranianos	•	•	•	12	107	10	129
Iraquianos	•	•	•	•	10	0	10
Libaneses	•	•	•	•	3.853	1.321	5.174
Marroquinos	•	192	31	35	47	23	328
Palestinos	•	•	•	•	611	66	677
Persas	•	•	•	•	374	9	383
Sírios	93	602	3.826	1.145	14.264	577	20.507
Turcos	3	6.522	42.177	19.255	10.227	271	78.455
Total	96	7.367	46.076	20.638	30.650	2.308	107.135

2 Discriminação por nacionalidade de imigrantes entrando no Brasil no período 1884-1939, Revista Imigração e Colonização apud LESSER, 2001, p.97.

2.2. A negociação da identidade árabe

Segundo um dito popular brasileiro, quando alguém chega do Oriente médio, ele é turco. Depois de conseguir seu primeiro emprego fixo, ele se torna sírio. Ao se tornar proprietário de uma loja ou de uma fábrica, ele é transformado em libanês. Mas eu sempre pergunto: e quando é que ele se torna brasileiro? (LESSER, Jeffrey, 2001, p. 87)

“Turco”: era dessa maneira que qualquer árabe que aqui chegasse era chamado. A confusão os ofendia duplamente – pelo equívoco geográfico e por referir-se a seus dominadores históricos – e era causada por seus passaportes que, até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), eram expedidos pelo Império Otomano (DUOUN, 1996).

A maior concentração ocorreu em São Paulo (KARAM, 2009), mas os “turcos” se espalharam por todo o país. Os árabes mascateavam também pelas zonas rurais, mas fixaram-se, sobretudo, nas cidades, inicialmente em cortiços, moradias populares com cômodos para alugar, onde se aglomeravam famílias inteiras em espaço reduzido. A vida girava em torno da família e do trabalho.

O primeiro grupo de imigrantes veio de uma região que atualmente faz parte do Líbano, em 1870. Em 2010, aliás, se comemoram os 130 anos da imigração libanesa. A celebração durou o ano todo e ainda há eventos comemorativos no mês de dezembro. Até mesmo o presidente do Líbano, Michel Suleiman, esteve no Brasil e se reuniu com o presidente Lula além de participar de encontros oficiais com a colônia libanesa.

Os libaneses são o maior contingente entre os imigrantes árabes. Se contarmos com os descendentes, há mais de 7 milhões de libaneses no Brasil – quase o dobro dos pouco mais de 4 milhões vivendo no Líbano atualmente. É essa quantidade enorme que faz do Brasil o país com maior número de árabes fora do Oriente Médio.

Atualmente – e, mais especificamente, este ano, com as comemorações dos 130 anos de imigração – vê-se cada vez mais a presença de hábitos culturais árabes no cotidiano. Além disso, imigrantes, descendentes e seus países de origem aparecem cada vez mais na mídia. Recentemente, por exemplo, o SPTV (telejornal local da TV Globo São Paulo) fez uma série de reportagens sobre a colônia libanesa no Brasil.

O primeiro VT comemorativo foi ao ar dia 15 de novembro e começava com um histórico sobre a imigração e sobre o Líbano, incluindo as dificuldades de se entender as especificidades políticas e religiosas do país. O clima da matéria era bastante cordial, tanto entre os repórteres e, possivelmente, editores, quanto com os próprios entrevistados. Todos exaltavam a receptividade do Brasil e o fato de aqui todos os povos serem unidos – inclusive por meio da entrevista com libaneses de diversas religiões (maronita, muçulmano xiita, sunita, judeu, etc), que terminava com a sonora de um deles, dizendo “no Brasil, ninguém pergunta 'de que religião você é'. Nesse país, não há perseguição, podemos acreditar no que quisermos”.

A série continuou e, a cada semana, havia uma matéria sobre um aspecto da colônia – retornaremos a esse tema mais a frente. Apesar dessa cordialidade que podemos perceber agora, a imigração árabe, não foi bem aceita no país desde sempre – nem pela elite, nem pelo governo brasileiro.

2.2.1. Críticas à imigração árabe

Os turcos nasceram para vender
bugigangas coloridas em canastras
ambulantes
[...]

Se abrem a canastra quem resiste
ao impulso de compra?
É barato! Barato! Compra logo!
Paga depois! Mas compra!

(Carlos Drummond de Andrade)

O consenso entre a elite brasileira era que os árabes usavam sua esperteza para fazer fortuna pessoal, que provinha do comércio e não da agricultura, como “deveria ser”. Como exemplo desse descontentamento com os imigrantes, podemos citar um trecho do discurso de um participante da reunião da Sociedade Nacional de Agricultura, em 1926: “Tudo devemos fazer para dificultar a imigração do elemento sírio que, longe de beneficiar a lavoura, parasitariamente a explora, na profissão de falsos negociantes”³.

3 Sociedade Nacional de Agricultura. Imigração: inquérito promovido pela Sociedade Nacional de Agricultura. Rio

Outro grande crítico da imigração síria foi Herbert Levy, que escreveu: “o tipo de imigração requerido pelas necessidades do país é o de agricultores e os sírios não se acham classificados nessa categoria, [...] [pois estão] dedicados ao comércio e às atividades especulativas em geral”⁴.

De fato, os árabes são famosos pelo seu tino comercial. Em uma das matérias especiais sobre a imigração libanesa do SPTV⁵ que citamos acima, exaltava-se essa característica e a creditava aos ancestrais fenícios dos libaneses, que eram um povo muito baseado nas trocas comerciais, com tradição mercantil, de navegação. Para ilustrar essa especificidade, o repórter desafiava o dono de uma loja na Rua 25 de março (sobre a qual iremos falar ainda neste capítulo) a vender uma peça de roupa para um cliente que não iria comprá-la. Obviamente, o empresário consegue. Ele convence uma mulher que só ia levar uma blusa a comprar mais de cinco calças “da moda”, coloridas, para revender. Essa ilustração é interessante porque mostra o quanto a imagem do árabe como exímio vendedor já faz parte do senso comum.

Aliás, é interessante também mencionar que, talvez não por acaso, George Simmel, em sua caracterização do “estrangeiro”, salientou a propensão desse indivíduo ao trabalho ligado às trocas comerciais: “Trade can always absorb more people than primary production; it is, therefore, the sphere indicated for the stranger, who intrudes as a supernumerary, so to speak, into a group in which the economic positions are actually occupied”⁶ (SIMMEL, 1908). Nesse sentido, o árabe é um exemplo claro de que o status como estrangeiro levou a esse ramo.

Além do interesse dos árabes pelo comércio⁷, outra característica sua não era bem vista de acordo com a política de imigração: a tendência à endogamia e, portanto, os baixos níveis de miscigenação do povo. A política migratória brasileira era baseada no conceito de raça miscigenada de Gilberto Freyre; a miscigenação entre o índio, o africano e o português foi o

de Janeiro, Vallani e Barbeiro, 1926, p.359.

4 apud JUNIOR, Amálio. As vantagens da imigração síria no Brasil. Rio de Janeiro, 1935, pp. 39, 41-2.

5 Exibida dia 30 de novembro de 2010.

6 apud WOLFF, Kurt. “The Sociology of Georg Simmel”. New York: Free Press, 1950.

7 Além da tradição comercial, um hábito árabe contribuiu para essa predileção: eles não costumam cultivar terras de outrem. De modo que mesmo sendo agricultores nos países de origem, não continuavam aqui. O próprio Simmel, aliás, faz referência ao “estrangeiro” como aquele que não é “dono do solo” – outra semelhança, não por acaso, com os imigrantes árabes.

bastião da ideologia nacionalista da época. Os árabes não entravam, portanto, na categoria de “facilmente misturáveis” por sua endogamia.

Em sua maioria, os imigrantes eram homens, jovens e solteiros. Depois da acumulação de alguns bens, a busca por uma noiva era o próximo passo. E muitos deles o faziam em seu país de origem (CAMPOS, 1987). A procura em terras tão distantes se devia tanto à vontade de manter as tradições familiares (o senso comum era de que a mulher tem papel central na manutenção da cultura original) quanto à falta de brasileiras propensas a casar com árabes – ou melhor, de famílias brasileiras dispostas a apoiar a união, já que a virilidade do homem árabe também era muito comentada, o que gerava certo interesse nas mulheres.

Os homens árabes podiam ser ricos e trabalhadores, mas suas origens não permitiam transformar seu capital em capital simbólico, ou distinção, o que dificultava qualquer intenção matrimonial na elite brasileira.

Na série “Um Só Coração”, que foi ao ar em 2005 na Rede Globo, havia um personagem que representava bem essa relação. Samir (Leopoldo Pacheco), um “turco” que enriqueceu vendendo tecidos e se tornou dono de uma confecção, se apaixonava pela personagem vivida por Letícia Sabatella, mas as famílias de ambos eram contra a união. Apenas depois da falência da família dela é que eles passam a considerar a possibilidade (afinal, Samir havia se tornado um homem de posses). Eles se casam, mas a mãe dele implica demais com a nora; pois não aceita uma mulher brasileira em sua casa.

Atualmente, entretanto, não só a identidade árabe deixou de ser pejorativa (conforme veremos a seguir) como as gerações de imigrantes que se seguiram passaram a se miscigenar cada vez mais. Além disso, a própria política migratória mudou.

Como nota Benedict Anderson, os imigrantes agora interessam menos por sua origem e seus hábitos nacionais, e mais por sua capacidade de se inserirem no mercado de trabalho⁸. No Brasil, o Estatuto do Estrangeiro (lei de 1981) instituiu essa mudança, especificando que o objetivo da imigração temporária ou permanente não era proteger a “composição étnica” da

8 ANDERSON, Benedict. “Exodus”. *Cultural Inquiry*. 20, p. 323, 1994

nação (como anteriormente), e sim estimular o crescimento econômico do país (e para isso, os árabes sempre serão bem vindos...).

2.2.2. A busca pela legitimação

A vida dos imigrantes poderia girar em torno da família e do trabalho, mas o balcão das lojas não foi o ponto de chegada de suas trajetórias. De mascates a pequenos comerciantes, depois varejistas, atacadistas e industriais.

Foi no setor têxtil que a maioria investiu. A ocupação da Rua 25 de março, em São Paulo – atualmente um polo de comércio em geral, mas originalmente uma rua onde basicamente eram vendidas roupas e tecidos e na qual havia pequenas confecções – foi realizada pelos imigrantes árabes, que ali abriram suas primeiras lojas.

Para ilustrar a presença árabe no setor, seguem alguns dados: em 1945, 27% das empresas têxteis eram de médio-orientais ou de descendentes (112 num total de 413). A abertura de quase todas ocorreu em meados dos anos de 1930, com os incentivos do governo Vargas ao comércio e à indústria.⁹ Já na década de 1960, as lojas da 25 de março correspondiam a cerca de 60% dos lucros do atacado do setor têxtil brasileiro.¹⁰

Os imigrantes árabes enriqueceram, mas não ascenderam socialmente. É a partir da segunda e da terceira geração que começa a haver uma preocupação nesse sentido

2.2.2.1. Aspecto educacional da negociação da identidade árabe

O libanês era um mascate, mas não queria que o filho fosse mascate. Se ele carregava uma mala na mão, ele queria que o filho carregasse uma mala na mão¹¹ (apud KARAM, 2009, P. 126-7)

9 STEIN, Stanley. The brazilian cotton manufacture: textile enterprise in an underdeveloped area, 1850-1950. Cambridge, Harvard University Press, 1957. Citado em: KARAM, John Tofik. Um Outro Arabesco - A Etnicidade Sírio-libanesa no Brasil Neoliberal. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

10 “Comércio atacadista desaparece da cadeia têxtil”, Gazeta Mercantil, 25 ago. 2000

11 Depoimento de Rafael, advogado, libanês de segunda geração, em “Um outro arabesco – Etnicidade Sírio-libanesa no Brasil neoliberal, p.126-7

Vencidas as dificuldades da primeira geração, os pioneiros trataram de buscar para seus filhos a ascensão socioeconômica via educação. A aceitação do árabe como brasileiro (ou, melhor, como árabe-brasileiro) dependia claramente de sua posição social. Em busca de maior legitimação étnico-social, os comerciantes sírio-libaneses que enriqueceram se esforçavam para enviar os filhos para as universidades e formá-los em profissões liberais.

Ao estudar esse comportamento, Oswaldo Truzzi encontrou um padrão bem delimitado nas famílias sírio-libanesas imigrantes de segunda geração. Entre os médio-orientais formados em medicina, direito e áreas técnicas, até 1950, mais da metade eram filhos de imigrantes que trabalhavam no comércio ou na indústria¹². Truzzi escreveu: “Os filhos da colônia que abraçarão as profissões liberais 'limparão o sangue' da etnia, justamente porque passarão a exercer profissões de valor intrínseco mais universal, de saber mais legítimo que o comércio”¹³.

A educação universitária dos filhos, financiada pela atividade comercial dos pais imigrantes era vista como um desligamento simbólico desse ramo¹⁴. E a “partida” dos sírio-libaneses das “lojinhas da 25 de março” foi sentida nas universidades: em 1985, 7,5% (28 em 374) dos formandos em Direito na Universidade de São Paulo tinham sobrenomes médio-orientais¹⁵.

Para as filhas mulheres, entretanto, a empolgação com a formação universitária não era tão grande. Os pais até estimulavam a educação superior, mas as desencorajavam a trabalhar. Para Truzzi, o objetivo de estudar nunca fora o de exercer uma profissão, mas apenas serem educadas.

Os diplomas davam prestígio, mas não necessariamente riqueza. Muitos desses descendentes acabaram dependendo do apoio da família e da colônia para chegar ao padrão de classe média alta que se esperava (KARAM, 2009). Entretanto, de uma maneira geral, a incursão nas profissões liberais foi bem-sucedida.

12 TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Editora Hucitec, 1997, pp. 125-6,244-7

13 *Idem* p. 143.

14 Outros grupos étnicos também buscaram profissões liberais como forma de ascensão social, mas a especificidade dos árabes é a referência histórica ao mercantilismo.

15 MACHADO Jr., Armando Marcondes. *Centro acadêmico XI de agosto: Faculdade de Direito de São Paulo, 1961-1998*. 4 vols. São Paulo, Mageart, 1998

Outra maneira frequente de se ascender socialmente era por meio da política, de modo que há representantes de famílias sírio-libanesas até hoje em cargos públicos. Dos quatro principais candidatos a prefeitura de São Paulo nas eleições de 2008, três eram descendentes de árabes: Gilberto Kassab, Paulo Maluf e Geraldo Alckmin.

Jefrey Lesser explicita muito bem essa relação entre poder aquisitivo e aceitação social no terceiro capítulo (“Construindo o espaço étnico”) do livro *“A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil”*:

Os árabes atenderam aos objetivos da elite por terem tido êxito econômico, ao mesmo tempo em que a deixava enfurecida por muitas vezes não demonstrarem nenhum interesse na aceitação plena da cultura euro-brasileira. Essas dualidades não escaparam aos imigrantes sírios e libaneses, que usaram essas contradições para criar uma etnicidade hifenizada que incluía uma ideia implícita de brasilidade. (LESSER, 2001, p. 97)

A mobilidade social dos médio-orientais chegou a ser tema de uma matéria da revista Veja em 4 de outubro de 2000. O artigo, intitulado “Patrícios, dinheiro, diploma e voto: a saga da imigração árabe”, fala sobre o investimento dos pais comerciantes na educação dos filhos e traz um dado interessante para análise: esses descendentes em ascensão são identificados pelo rótulo de “turcos”, que designava também seus antepassados.

O termo, entretanto, não é mais pejorativo como quando era fruto da desconfiança em relação ao tino dos árabes para o comércio, mas sim uma maneira carinhosa de tratamento, que, aliás, exalta essa capacidade dos médio-orientais para os negócios. O depoimento de um advogado libanês de segunda geração entrevistado por John Tofik Karam é bem explicativo:

O único termo pejorativo que tinha a ver com a gente é 'turco'. Mas nós mesmos, descendentes de árabe, sírio e libanês, esculhambamos o termo. Então, quando a gente se refere a um patrício, nós mesmos usamos o termo. Então, com isso, banalizou o termo. [...] Não existe mais aquele sentido pejorativo. [...] Isso é do espírito brasileiro. Ele banaliza. Ele transforma um rancor em brincadeira. E destrói qualquer rancor. Destrói qualquer animosidade. (KARAM, 2009, p.156).

Partindo desse princípio, a especificidade do Brasil como país acolhedor de imigrantes seria, portanto, possibilitar a transformação de rancor étnico por meio da ideologia nacionalista da democracia racial.

2.2.2.2. Aspecto cultural da negociação da identidade árabe

As formas culturais médio-orientais foram marginalizadas pelas elites brasileiras por muito tempo, mas principalmente durante o período xenofóbico que precedeu a Segunda Guerra Mundial e se estendeu até alguns anos após o conflito. Uma das formas de os imigrantes se legitimarem cultural e socialmente foi pela criação de associações religiosas beneficentes e sociais (principalmente em São Paulo) no começo do século XX.

Esses “clubes étnicos” foram um dos fatores que contribuíram para a divulgação da cultura árabe por aqui, já que, na medida em que iam se popularizando e se sofisticando, transformavam a comida, a música, a dança e a música árabe em objetos de consumo (KARAM, 2009)

É inegável também a influência da novela das oito *O Clone*, que foi ao ar em 2001-02, na construção da imagem do árabe no Brasil. Embora focasse mais nos muçulmanos (que são minoria entre os imigrantes), a produção da TV Globo desencadeou uma febre de consumo que foi de aulas de dança do ventre ao anel/pulseira utilizado por uma das personagens de destaque na trama.¹⁶

A apropriação nacional de hábitos árabes teve um impacto muito positivo na colônia, que não se sentiu mal representada (mesmo que alguns estereótipos tenham surgido), o que costuma ser comum, já que a popularização geralmente incute uma generalização.

2.2.2.3. Aspecto político-econômico da negociação da identidade árabe

A partir da liberalização econômica no Brasil durante os anos de 1970, o tino comercial inato dos médio-orientais, que as elites criticavam em momento anterior, ganhou maior reconhecimento por ser muito útil (principalmente nas exportações). E a Câmara de Comércio Árabe Brasileira teve papel de destaque nesse processo.

A CCAB foi criada em 1952 por uma dúzia de importantes industriais de origem sírio-libanesa e financiada pela fortuna das famílias do comércio têxtil brasileiro. Esse grupo ficou

¹⁶ *Algumas semanas depois da estreia de O Clone, houve um aumento de 80% nas matrículas das academias de dança do ventre em São Paulo (Paloma Cortes, “Novela aumenta procura por cursos de dança do ventre”, Folha de S. Paulo, 28 out. 2001, C8)*

encarregado de promover exportações para o “mundo árabe”. Depois da crise do Petróleo em 1973, o Estado e as elites empresariais passaram a recorrer cada vez mais à CCAB, já que o governo brasileiro precisava reduzir o déficit comercial entre o Brasil e o mundo árabe. Em 1974, ela começou a cobrar honorários pelos serviços prestados ao governo e às empresas brasileiras e árabes – o que acontece até hoje.

A CCAB foi repetidas vezes elogiada por autoridades e até mesmo presidentes, como Fernando Henrique Cardoso. Seu papel diante da nova conjuntura econômica foi não só promover o intercâmbio entre o Brasil e países do mundo árabe, mas também transformar a imagem dos imigrantes e descendentes, que, a partir disso, passaram a ser identificados, no mercado, como exímios negociantes – o que não era mais visto de forma pejorativa.

Outro efeito da abertura econômica foi a diversificação do mercado. Muitos comerciantes da região da rua 25 de março (em sua maioria médio-orientais e descendentes), deixaram de trabalhar com têxteis e acessórios nacionais para abastecer as prateleiras com tênis, bijuterias, brinquedos e até equipamentos eletrônicos importados. Essa nova configuração inclui também a “invasão” de outros imigrantes como comerciantes na região, principalmente asiáticos.

A 25 de março também começou a ganhar a má fama de vender produtos importados muitas vezes falsificados e inclusive de manter estabelecimentos com condições irregulares de trabalho. Ou seja: a abertura econômica beneficiou a CCAB, mas foi ambivalente para os imigrantes e descendentes da 25 de março, que ainda podem ser vistos com certa desconfiança. Essa é a prova de que ainda há muito pela frente na negociação da identidade árabe no Brasil.

Outro exemplo de tensão na negociação dessa identidade foi a repercussão de um escândalo de corrupção na prefeitura de São Paulo. Na “máfia das propinas” (que estourou em 1999 e cujo desenrolar não cabe explicar no presente trabalho, já que serve apenas a título de ilustração), os principais envolvidos eram Paulo Maluf, ex-prefeito de São Paulo, Celso Pitta (então prefeito) e os então vereadores Hanna Garib, Vicente Viscome e José Izar (os três últimos foram os únicos condenados).

A prefeitura de São Paulo não arcou com a responsabilidade, que caiu sobre os bodes expiatórios Garib, Izar e Maluf (todos descendentes de árabes). Foi provado que os três tinham responsabilidade sobre os acontecimentos, mas a imprensa fez questão de tratar desse assunto

por meio de uma caracterização étnica, como se a tão falada astúcia inata dos médio-orientais estivesse por trás de todo escândalo. Sua diferença étnica é que foi o alvo das acusações da opinião pública.

Carregada de sátiras políticas e gírias, essa representação da corrupção árabe na mídia era feita através de insinuações indiretas sobre a popular rede de *fast-food* Habib's e pratos árabes como tabule, quibe, e esfihas. Um exemplo dessa cobertura jocosa é uma nota do comentarista Gustavo Iochpe na Folha de São Paulo à época:

O Prêmio Habib's vai para o doutor (doutor do quê, hein?) Baulo Baluf [*menção à dificuldade que médio-orientais têm em falar o fonema p*]. Depois de um ano desses, em que a encomenda do prefeito virou pita azeda e a disputa que era para ser tabule virou quibe cru, só resta ao ilustre cidadão abrir uma cadeia (sem trocadilhos) de comida árabe e licenciar suas mandingas pra que todos os oponentes tenham câncer ¹⁷ (IOCHPE, 1999. Comentário meu)

Aliás, a referência à esfiha foi repetidamente utilizada na cobertura do escândalo. Em vez de utilizarem a expressão “acabou em pizza”, os comentaristas políticos brincavam, dizendo “acabou em esfiha”.

As referências constantes à suposta esperteza árabe nos jornais de maneira a ridicularizar os políticos envolvidos obviamente deixaram a colônia imigrante muito decepcionada e insatisfeita. Para tentar recuperar a boa imagem dos sírio-libaneses, vereadores de origem médio-oriental organizaram uma comemoração para o aniversário da independência do Líbano em 1999. O objetivo era mostrar a faceta honrada da etnicidade árabe.

A vereadora Myryam Athie foi uma das maiores entusiastas do movimento. E fez questão de que a comemoração tivesse cobertura da grande imprensa e dos jornais e revistas que circulavam na colônia, como o Chams e a Carta do Líbano, duas das publicações mais famosas. A publicação de matérias com os discursos da festa e o enaltecimento da imigração sírio-libanesa foram um alento para a colônia, que, ainda assim, se frustrava diante da situação vergonhosa.

De qualquer forma, esse acontecimento também serve para ilustrar o poder da mídia dentro da colônia. Para dar visibilidade e mostrar a seus patrícios (e eventuais eleitores, claro) o que estava promovendo em favor da imagem dos médio-orientais, Myrym logo recorreu aos

17 IOCHPE, Gustavo. “Ao vencedor as batatas: Os piores de 1998”, Folha de São Paulo, 11 jan. 1999.

jornais e revistas que eles leem para se informar sobre temas relativos à colônia e a seus países de origem.

A mídia étnica árabe é muito presente no dia a dia dos imigrantes e há uma grande tradição midiática. Em 1914, por exemplo, havia 14 periódicos árabes em circulação (LESSER, 2001). Agora, com as inovações tecnológicas deste século, um novo hábito é cada vez mais comum entre os imigrantes e descendentes: a instalação de antenas para recepção via satélite dos canais árabes. Além de se informarem por meio das publicações étnicas, eles podem ver diretamente os canais de seus países de origem, assistir telejornais, novelas e filmes como se estivessem lá. E é sobre esse assunto que trataremos no capítulo a seguir.

3. MÍDIA ÁRABE

A edição de 24 de janeiro de 2005 da renomada revista *The Economist* teve páginas dedicadas à explosão de canais árabes via satélite, cujo número, segundo a publicação, não parava de aumentar. À época da publicação havia 150 canais, alguns transmitidos para o mundo todo, mas principalmente assistidos nos países árabes. A quantidade realmente surpreende – ainda mais quando se pensa no alcance desses canais.

A matéria – à qual retornaremos neste trabalho – salientava o fato de a língua árabe ser falada em muitos países, de modo que a programação de um canal da Síria pode ser plenamente entendida no Egito, por exemplo, e até mesmo no Brasil.

É sobre esse alcance dos canais árabes que trataremos neste capítulo; afinal, alguns deles podem ser assistidos aqui, basta que o telespectador (geralmente imigrante ou descendente) compre uma antena e a sintonize do jeito certo.

Essa fonte de informação sobre a terra natal gerou uma nova configuração social, importante de ser analisada para se entender a identidade árabe entre os imigrantes e descendentes – o que se discutirá no capítulo seguinte e que é o mote deste trabalho. Para entendermos melhor essa dinâmica, é preciso, entretanto, entender a tradição midiática dessa colônia específica de imigrantes e conhecer alguns dos mais populares canais.

3.1. Árabes e a tradição de comunicar

Como vimos anteriormente, a negociação da identidade árabe no Brasil teve uma dinâmica muito particular. E uma das formas de os imigrantes tentarem “facilitar” a vida por aqui era por meio da publicação (e, obviamente, leitura) de jornais e revistas da colônia, escritos e direcionados a eles.

Inicialmente, essas publicações tinham uma função dupla e ambivalente: o uso do árabe ajudava a manter a cultura pré-migratória; e os artigos sobre com dicas para se viver melhor nesse “novo mundo” contribuía para a adaptação dos imigrantes.

O Al-Faiáb, primeiro jornal árabe brasileiro, foi fundado em Campinas em novembro de 1895. O segundo, o Al-Brasil, menos de seis meses depois, em Santos¹⁸. Os dois se fundiram, em São Paulo, um ano mais tarde. Por volta de 1902, havia três jornais em língua árabe em São Paulo e mais dois no Rio de Janeiro. Em 1914, eram 14 as publicações árabes em circulação (LESSER, 2001).

Particularmente, acredito que essa dimensão se deva à relação dos árabes com a língua e a literatura – afinal, eles inventaram a escrita e são notadamente um povo que cultua a linguagem, considerando-a quase divina. O sucesso de algumas publicações e escritores árabe-brasileiros à época é ilustrativo disso. A Liga Brasileira Novo-Andaluz (Al-‘Ushba al-Andalusiyya), por exemplo, editava uma publicação mensal conhecida internacionalmente.

Um caso interessante e também representativo da efervescência cultural do período é o de Rashid Salim Khuri (mais conhecido como al-Shair al-Qarawi, “o poeta da aldeia”), que migrou do Líbano em 1913. Seus escritos eram publicados em jornais em língua árabe de todo o mundo (a tendência das publicações também ocorria em outros países onde havia colônias árabes). Muitas vezes, os recursos arrecadados com as publicações eram usados para levantar fundos para as vítimas da fome no Oriente Médio.

Outros imigrantes famosos nos círculos literários eram os irmãos al-Ma’luf, Fauzi (1899-1930) e Shafiq (1905-1976), que vinham de uma eminente família libanesa, da cidade de Zahle. Em São Paulo, eles prosperaram como fabricantes de tecidos e escreviam poesia árabe que viria a ser traduzida em português, espanhol, francês, russo, alemão e italiano (HAJJAR, 1985).

Foi também publicado no Brasil, pelo Dr. Khalil Sa’adih (médico mais conhecido por ter editado o primeiro dicionário inglês-árabe, em 1911), o jornal Al-jarida e uma publicação mensal, chamada Al-Majallah. Seu filho foi o responsável pela publicação do jornal Souria al-Jadida (A Nova Síria), que mais tarde foi proibido de circular por determinação de Getúlio Vargas.

18 Não por acaso, ambos no estado de São Paulo, que mais recebeu imigrantes árabes (em alguns períodos, o número de imigrantes que chegavam e iam para lá era o dobro do segundo em quantidade, o Rio de Janeiro).

Em 1941, durante a vigência da Segunda Guerra Mundial, atendendo a decisão governamental, foi proibida a utilização da língua estrangeira escrita ou falada, sendo portanto suspensa toda e qualquer publicação de qualquer imprensa estrangeira no país.

Após o término da Segunda Guerra, em 1945, o imigrante árabe, mesmo estando mais integrado e buscando cada vez mais a assimilação dentro do seio da sociedade que o acolheu, volta a adquirir o hábito de ler os jornais da colônia (todos os de língua árabe haviam sido tirados de circulação). De modo que, por volta de 1945, a comunidade sírio-libanesa havia produzido 97 jornais e revistas, além de mais de 150 livros (HAJJAR, 1985).

E a tradição se mantém. Atualmente, há pelo menos uma dezena de importantes publicações em circulação (e populares). Podemos destacar a Revista Chams (que busca abrangência, informando sobre toda a comunidade árabe no Brasil), a Carta do Líbano (revista de intercâmbio cultural Líbano-brasileira), a Câmara Árabe Notícias (informativo da Câmara de Comércio Árabe- Brasileira), e a Revista Líbano (Confederação Nacional das Entidades Líbano Brasileiras).

Essas publicações, entretanto, por serem destinadas, geralmente, a toda a colônia, costumam ser muito generalistas e fazer cobertura somente de eventos culturais e sociais, evitando se envolver em questões políticas e idiossincráticas. Para se informar de maneira mais aprofundada, não são a melhor fonte de informação.

Portanto, por décadas o rádio foi o principal aliado dos imigrantes médio-orientais. A partir do início do século XXI, entretanto, uma novidade chegou às colônias de imigrantes em todo o mundo: os canais árabes transmitidos via satélite. Era possível, a partir da instalação de uma antena, assistir ao vivo o que passava na TV como se estivessem em sua terra natal. Isso trouxe uma nova configuração às famílias de imigrantes.

3.2. O boom dos canais árabes via satélite

O anúncio em um site de classificados on-line é claro: “notícia e entretenimento árabes 24h no ar”¹⁹. É isso que promete um instalador de decodificadores e antenas específicos para

¹⁹ Disponível em <http://www.classificados-brasil.com/meus-anuncios+rio-de-janeiro-produtos+45-133479.html>
Acessado em 10 de outubro de 2010.

recepção de canais árabes via satélite. E o sucesso desse serviço é proporcional ao aumento da procura pelo mesmo. Cada vez mais imigrantes e descendentes procuram empresas instaladoras para receber os mais de 20 canais disponíveis – a maioria em árabe (alguns em inglês).

A prestação desse serviço é relativamente simples: cobra-se uma taxa de cerca de R\$ 650 pelo aparelho decodificador, pela antena e pela instalação (num processo similar ao das parabólicas, tão comuns em cidades do interior). Assim, já é possível assistir a 10 canais árabes (Abu Dhabi TV, Al-Iraqiya, Jamahirya, Oman TV, Qatar TV, TV1 Saudi Arabia, Sharjah TV, Sudan TV, Syria Satellite Channel, Yemen TV²⁰).

Esse é o pacote mais popular, mas há a possibilidade de um *upgrade*: por uma assinatura anual de aproximadamente R\$ 600, pode-se ter acesso também a mais 15 canais (Art, Art Movies, Ibc, Future TV, Noursat, Al Jazeera, Al Jazeera International, MBC, Al Arabyia, Leonardo World, Rai, Art Austria, Rai Austria, Art latino, Melody Arabiya).

3.2.1. Perfil dos canais árabes

A seguir, a descrição²¹ de alguns dos canais árabes mais populares entre os imigrantes no Brasil:

- Abu Dhabi TV (Emirados Árabes): estação de televisão árabe originalmente lançada em 1969 e re-lançada em 2000 e novamente em 2008. Emite a partir de Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos e é propriedade da Abu Dhabi Media Company. Embora seja um canal genérico e não uma rede de notícias 24 horas, Abu Dhabi TV é famosa por suas imagens da Guerra do Iraque em 2003. Há telejornais a cada três horas e quase 60% dos programas transmitidos são produções próprias. A programação é bem diversificada e inclui documentários, shows, entretenimento, drama, política, atualidades, cultura, etc.
- Al-Iraqiya (Iraque): uma empresa de radiodifusão e televisão por satélite da rede pública do Iraque, que foi criada após a queda de Saddam Hussein. No país, é assistido por cerca de 40% da população, uma porcentagem significativa diante da conjuntura atual do

20 A descrição de alguns dos canais mais populares está na tabela acima.

21 Parte do levantamento sobre os canais árabes foi feito pelos bolsistas do PET-ECO sob supervisão do professor Mohammed El Hajji. A pesquisa se deu primordialmente nos sites oficiais dos canais.

Iraque. Um dos destaques da programação é o programa “Assuntos Quentes”, que aborda assuntos delicados do cotidiano iraquiano, como o terrorismo.

- Al Jazeera / Al Jazeera International (Qatar): talvez a emissora árabe de maior sucesso fora do mundo árabe. É um canal de notícias 24h (nos moldes da americana CNN) que ganhou destaque mundial depois da cobertura da invasão americana ao Iraque e ao Afeganistão – uma alternativa que muitos preferiram aos canais tradicionais americanos, que mostravam praticamente só um lado da guerra. Seu canal em inglês foi criado para ter alcance ainda maior e a experiência vem sendo bem-sucedida. A programação de ambos inclui telejornais e alguns programas especiais, de entrevistas, além de documentários de produção própria.
- Al Arabyia (Emirados Árabes): programação semelhante à da Al Jazeera, e principal concorrente local desta.
- ART (Arábia Saudita): canal de programação mais diversificada do país (que é um dos regimes mais fechados do Oriente Médio). São exibidas novelas o estilo americano, campeonato de Fórmula 1 e até mesmo jogos do futebol inglês. Alguns programas para o público jovem são fornecidos pela MTV do Líbano e há produções infantis como Teletubbies, Pokémon e Batman. Filmes árabes dividem espaço com algumas produções americanas.
- MBS (Emirados Árabes): durante o dia, a programação é voltada para o público infanto-juvenil, com produções como Zorro, Super-Homen, séries e desenhos animados da Disney. Há também programas de auditório (um deles similar ao Show do Milhão, por exemplo) e um de entrevistas (claramente inspirado no do apresentador David Letterman, exibido pela norte-americana CBS).
- Oman TV (Omã): transmitida pela primeira vez em 1974, o canal destina grande parte da programação a filmes, séries e documentários.
- Qatar TV (Qatar): programação variada, com destaque para eventos esportivos (às vezes transmitidos em inglês) e celebrações nacionais.
- TV 1 Saudi Arabia (Arábia Saudita): canal de orientação muçulmana (o islamismo é a religião oficial do país), que transmite orações ao vivo a partir de Meca e Medina, entre

outros.

- Sudan TV (Sudão): maior emissora do país, com mais de 10 horas diárias de conteúdo original e exclusivo.
- Syria Satellite Channel (Síria): canal de televisão por satélite de propriedade do grupo RTV Síria, transmitido para todo o mundo. A programação é variada e inclui novelas, notícias, comentários de notícias e entrevistas. Há alguns poucos programas e telejornais em inglês, francês, espanhol e russo.
- Press TV (Irã): emissora pública iraniana, com sede em Teerã e escritórios em várias capitais ao redor do mundo. Tem programação em árabe (há outro canal em farsi) e é por isso que está na lista; afinal, o Irã não se configura como um país árabe. O desejo em se criar um canal em árabe (principalmente partindo do governo iraniano) é o de funcionar como outra fonte de notícias sobre o país e – por que não? – exportar os preceitos da Revolução Islâmica. E se há um fator de união entre países árabes (tão distintos entre si) é a língua (característica que trataremos mais a frente neste capítulo).

3.2.2. Perfil dos telespectadores no Brasil

Segundo os instaladores entrevistados para o presente trabalho, quando o serviço de instalação de antenas para recepção dos canais árabes começou, há cerca de 10 anos, a maior parte das assinaturas era feita por associações de imigrantes, mesquitas, restaurantes árabes, etc – até pela questão financeira, pois o preço da instalação era menos acessível individualmente.

No artigo “Televisão e imigração palestina: perigos e invisibilidades no trabalho antropológico”²² (2007), Denise Fagundes Jardim fez um estudo sobre a relação de uma colônia de imigrantes e refugiados palestinos no Chuí (RS) com a TV Dubai e afirma que, à época da pesquisa (2004), assistia-se mais ao canal no comércio da família do que em casa. Para ela, essa era uma forma de se afirmar como árabe para os clientes, mas buscar uma identidade brasileira em casa, assistindo à novela *O Rei do Gado* (então em exibição), por exemplo. Diante das declarações dos instaladores, entretanto, não posso deixar de pensar que talvez o motivo para

²² Trabalho apresentado no XXXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, em outubro de 2007 e publicado por The Hebrew University of Jerusalem (Volume 2, Número 1, Fevereiro de 2009).

assistir aos canais árabes na rua e à TV brasileira em casa fosse financeiro.

De qualquer forma, hoje em dia, a procura maior é por pessoas que querem ter acesso a esses canais em casa, para a família. Como membro de uma família de imigrantes (não árabes, mas portugueses) posso afirmar que, de acordo com a minha experiência particular, a busca de notícias sobre o país de origem é uma forma de matar as saudades “de casa”. Assistir programas que passem em lugares que se conhece é uma forma de viajar à terra natal. Nas entrevistas que fiz para o presente trabalho, imigrantes deram declarações semelhantes a essas, que sempre escutei dos meus avós.

3.2.2.1. Entretenimento para todos; política para a elite

Novelas, séries e filmes produzidos no país de onde vieram também são uma forma de relembrar os bons momentos vividos lá. Afinal, na ficção são reproduzidos os hábitos locais e, portanto, a possibilidade de identificação entre o imigrante-espectador e um personagem é maior. Descendentes que falam árabe também são o público-alvo dessas produções. Conversei com alguns filhos de libaneses que começaram a assistir para treinar a língua árabe, mas acabaram se apegando e hoje possuem o hábito de assistir novelas e filmes medio-orientais em vez de brasileiros ou americanos²³.

Além disso, os telejornais interessam muito aos imigrantes árabes. Por causa do contexto de conflitos políticos de alguns países do oriente médio, querem saber, por exemplo, como está a situação nas cidades onde ainda têm familiares e quais medidas o governo de seu país está tomando. Alguns deles inclusive demonstraram muito interesse pelas relações internacionais de seus países. É muito difícil vermos um grupo de brasileiros discutindo a política internacional do país numa mesa de bar. Mas presenciei uma discussão de libaneses num restaurante sobre o apoio do Irã ao Hezbollah, por exemplo.

Aliás, se informar sobre política é um dos principais motivos que os imigrantes e

²³ É claro que a maioria também vê novelas brasileiras e filmes americanos como qualquer outro jovem, mas é interessante que haja essa especificidade, compartilhada apenas com outros imigrantes e descendentes. Trataremos melhor desse tema no capítulo 4.

descendentes apontam para a instalação de antenas para receber os canais árabes. É consenso na colônia que a cobertura da mídia americana, principalmente, mas também brasileira, sobre os fatos que ocorrem em países árabes deixa a desejar (KARAM, 2009). Um dos entrevistados, um sírio de segunda geração, chegou a declarar que não acredita em nada dito na TV Globo sobre países do oriente médio; precisava sempre checar com alguma fonte local.

Foi por essa falta de confiança que o número de assinantes da Al Jazeera no país dobrou em 2004 (de 1600 para 3000 assinantes, segundo a empresa Multipole, fornecedora do serviço²⁴). Segundo matéria da Folha de São Paulo²⁵, após a invasão dos Estados Unidos ao Iraque e da morte de Yasser Arafat, o canal passou a principal fonte de informação para muitos imigrantes e descendentes, que praticamente pararam de assistir canais brasileiros.

Outro fator importante é que muitos imigrantes ainda fazem questão de voltar ao país para votar. Uma matéria da BBC²⁶ destacava o número de libaneses que saíram do Brasil para votar nas eleições de 2009. Entre os personagens estava um libanês morador de Foz do Iguaçu que afirmou acompanhar as propostas dos candidatos e as manifestações que antecederam às eleições pela internet e pelos canais libaneses aos quais assistia em casa. E, segundo ele, não era o único. Na colônia, participou de diversas discussões entre amigos que apoiavam facções diferentes – o que não havia acontecido nas eleições anteriores, o que, para ele, era uma previsão da tensão que encontrou no país.

Esse imigrante é um exemplo de um dos nichos de mercado que os canais árabes alcançam: a elite da colônia. Afinal, não são todos os imigrantes que podem pagar, principalmente o pacote mais caro. E é no pacote mais caro que estão os canais favoritos dessa elite, a Al Jazeera e a Al Arabyia, que seguem um estilo de canal de notícias similar ao da CNN, como falamos anteriormente.

24 “Árabe Al Jazeera dobra número de assinantes no Brasil”, Laura Mattos e Isabelle Moreira Lima. Folha de S. Paulo, 21 de novembro de 2004.

25 Idem acima

26 “Brasileiros chegam ao Líbano para votar”, Tariq Saleh, BBC Brasil. 5 de junho de 2009

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/06/090605_libanoeleicaots.shtml Acessado em 27 de outubro de 2010.

3.2.2.2. Muçulmanos: TV árabe em substituição à brasileira (“liberal demais”)

Outro público-alvo desses canais são os árabes-muçulmanos (e até mesmo os convertidos, como veremos a seguir). Apesar de haver poucos imigrantes muçulmanos (como vimos anteriormente, a migração medio-oriental para o Brasil foi, em sua maioria, de cristãos), eles são, proporcionalmente (por uma estatística informal feita por mim) os que mais assistem a esses canais no Brasil. Aliás, foi nas visitas à mesquita do Rio de Janeiro que mais encontrei assinantes dos canais via satélite.

Alguns seguem os mesmos motivos dos grupos imigrantes árabes não muçulmanos que tratamos acima (vontade de se informar sobre sua terra natal, de se entreter com produções em árabe, etc), mas alguns apontam outra razão: a suposta imoralidade da TV brasileira.

Para alguns muçulmanos mais ortodoxos, a novela das oito é proibitiva. Há cenas de casais em momentos de extrema intimidade, traições, desrespeito aos mais velhos, sexo antes do casamento, e tantas outras atitudes condenáveis segundo a crença deles.

Uma matéria da Revista Cláudia²⁷ contou a interessante (e representativa) história de uma imigrante palestina em Venâncio Aires (RS) que foi presenteada ao final do Ramadan²⁸ com a instalação da antena pela colônia, que se uniu para pagar as taxas. Ela reclamava da programação da TV Brasileira, assim como outras mulheres da colônia, mas não podia pagar pela instalação. Agora, ela só assiste os canais daqui para aprender português.

E não são só os muçulmanos imigrantes que buscam cada vez mais os canais árabes via satélite. Entre os convertidos, eles são cada vez mais populares. Conversando com alguns na mesquita do Rio (onde 80% dos frequentadores são brasileiros convertidos ao Islã), perguntei os motivos que os levaram a instalar os canais em casa. A maioria disse que era a melhor maneira para treinar o árabe e era uma forma de se informar sob outro ponto de vista (mais uma vez, a crítica a mídia americana e até mesmo brasileira se fez presente).

27 “Muçulmanos no Brasil”, Revista Cláudia:

<http://claudia.abril.com.br/materias/2737/?pagina5&sh=31&cnl=31&sc> Acessado em 15 de outubro de 2010.

28 É comum os muçulmanos se presentearem ao fim do período de jejum a que se submetem uma vez ao ano, o Ramadan.

Aliás, essa falta de confiança na mídia é especialmente maior entre os muçulmanos, já que eles são muitas vezes confundidos com terroristas e tratados assim em alguns programas. Ver-se de forma estereotipada é o que fez muitos buscarem outras fontes de informação.

Além disso, entre os canais via satélite mais populares está a TV 1 Saudi Arabia, que, como vimos anteriormente, transmite orações ao vivo durante o Ramadan e datas especiais diretamente de Meca e Medina. Se o muçulmano preferir, pode, inclusive, nem ir à mesquita local e fazer suas orações de casa – nesse sentido, é similar aos canais brasileiros que transmitem missas e cultos na íntegra.

3.3. O alcance dos canais árabes

Como podemos ver, os canais árabes via satélite têm público muito diverso no Brasil. De crianças a velhos, de imigrantes a descendentes, de árabes muçulmanos a convertidos. Essa abrangência é possível graças à língua árabe, oficial em tantos países²⁹.

Na matéria da revista *The Economist* com a qual iniciamos este capítulo, supunha-se que esses canais que chegam a todos os países árabes poderiam estar contribuindo para a criação de uma unidade maior entre os povos dos diferentes países, forjada principalmente a partir da língua comum. Eu, particularmente, duvido disso e acho muito irônico que uma publicação do Reino Unido trate do tema; afinal, os últimos que tentaram “unir” o Oriente Médio (sem sucesso) foram os próprios ingleses.

É fato que os iraquianos podem ficar mais próximos dos libaneses ao assistirem uma novela produzida no país; mas, por outro lado, há limites muito bem delimitados. Quando, por exemplo, uma mulher da Arábia Saudita assiste a outra mulher dirigindo ou mesmo namorando vários homens em um filme libanês, fica clara a diferença entre os dois países. E, nesse sentido, faz o Líbano ser tão distante de sua realidade quanto os Estados Unidos.

No Brasil, entretanto, acredito que uma adaptação dessa tese da *The Economist* seja possível. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, imigrantes sírios, libaneses,

²⁹ Embora ainda haja o uso de dialetos em algumas comunidades árabes em países do Oriente Médio, o árabe é plenamente difundido e é a língua oficial de todos (à exceção, claro, de Israel).

iraquianos, e de tantos outros países, eram todos reconhecidos como “turcos” e agora são como árabes – embora a denominação “turco” ainda seja utilizada de maneira informal.

Diante disso, não acho que seja absurdo pensar que a tão falada unidade árabe seja possível aqui. Afinal, sírios e libaneses têm mais em comum aqui no Brasil do que teriam se estivessem cada um em seu país. Dessa maneira, proponho pensarmos na construção de uma identidade árabe, como falado no primeiro capítulo, mas agora à luz da popularidade desses canais, que criam vínculos entre os imigrantes. É esse o tema capítulo cinco. Antes de entrarmos nessa discussão, entretanto, faremos, no capítulo quatro, uma análise do conceito de nação e o embasamento teórico para a defesa dessa tese.

4. A IMPRENSA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

A base da análise que se pretende fazer neste trabalho é uma comparação entre o papel que a imprensa desempenhou na formação dos estados nacionais europeus após a idade média e o que ela tem hoje, criando vínculos com o país de origem do imigrante – no caso da presente análise, árabe.

Para isso, utilizou-se o livro “*Comunidades Imaginadas*”, de Benedict Anderson. A obra é um estudo sobre o papel da criação da prensa de Guttemberg – e da consequente expansão do mercado editorial que se desenvolveu – na formação de novos países no sentido em que ela seria responsável pela criação de “comunidades imaginadas”, das quais os membros das nações se sentiam parte.

No desenvolver de suas teorias, Anderson observa que "nacionalidade" vem, nos anos recentes, transformando-se em uma força principal em muitos aspectos do pensamento moderno. O desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, dos conflitos existentes e gerados pelas "subnações", do fim das dinastias europeias e asiáticas em proveito de uma unificação estatal e linguística são evidências de que o nacionalismo é, certamente, reconhecido como uma moral hegemônica no mundo político moderno.

Contudo, apesar da influência que o nacionalismo teve na sociedade moderna, Anderson acredita que suas origens conceituais são inadequadamente explicadas. Sua finalidade em escrever “*Comunidades Imaginadas*” foi, então, fornecer um fundo histórico para o emergente nacionalismo e seu desenvolvimento, evolução e recepção.

A grande contribuição de sua obra está em discutir o surgimento do nacionalismo não enquanto resultado da transformação histórica europeia, mas sim enquanto contribuição original dos países colonizados e asiáticos, rompendo assim com as interpretações "europocêntricas" nos estudos das nações.

4.1. O conceito de nação

Anderson define a nação como “(...) uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (2008, p. 32) Para ele, a

nação seria:

- **Imaginada** porque seus membros nunca conhecerão todos os demais; na mente de cada indivíduo reside uma imagem da comunidade da qual participam. Ou seja, ainda que os limites de uma nação não existam empiricamente, seus indivíduos são capazes de criar e imaginar tais fronteiras, criando e imaginando seus membros.
- **Limitada** porque a nação é limitada em suas fronteiras por outros territórios; Anderson critica a possibilidade de uma nação abranger toda humanidade, pois seria inviável para a consolidação de um sentimento nacionalista abarcar toda humanidade – uma vez que a nação é um critério de distinção entre grupos e comunidades.
- **Soberana** porque o surgimento do nacionalismo, segundo Anderson, está relacionado ao declínio dos sistemas tradicionais de governabilidade (monarquia, na Europa; ou administração colonial, na Ásia e nas Américas) e à construção de uma nacionalidade baseada na identificação étnica, racial e/ou cultural. Esta identificação possuiria um projeto comunitário de união baseada nas diferenças de um povo para o outro. A soberania nacional, deste modo, é um símbolo da liberdade frente às estruturas de dominação antigas - gerando novas estruturas de dominação, como a administração estatal, a divisão intelectual do trabalho (administradores, burocratas, professores universitários, etc.), o capitalismo editorial e o surgimento de práticas de controle estatal (censo para a população, mapas para o território e museus para a cultura legítima).
- **Comunidade** porque uma nação é concebida enquanto estrutura horizontal na sociedade. Ou seja: é possível membros de diferentes classes sociais, em diferentes posições sociais, ocuparem um mesmo âmbito nacional e estarem vinculados por um projeto em comum.

Para chegar a esses pontos, Anderson assume as seguintes bases históricas na concepção da nação imaginada:

- Negação da existência de um texto sagrado que seja assumido como “a verdade”: mudanças na religião propiciaram a crença de que o nacionalismo era uma solução secular para a questão da continuidade que era respondida, anteriormente, pela fé. O declínio da dominação da religião levou ainda ao declínio das linguagens sagradas. O crescimento das linguagens seculares no

século XVI diminuiu a importância do latim como a única linguagem sagrada possível para as escrituras. Como consequência, as comunidades mais antigas perderam a confiança na sacralização de um determinado idioma.

- Fim da crença de que as sociedades eram naturalmente organizadas ao redor de um monarca central, legitimado por um poder divino (fim dos domínios dinásticos).
- O desenvolvimento de uma ideia de que os fatos, ainda que ocorridos em locais diferentes, podem ligar as pessoas que neles estão envolvidas, criando assim uma consciência de compartilhamento temporal na medida em que tudo co-existe.

4.2. Imprensa e formação de identidades

É neste último ponto que reside a questão central de sua análise: o papel da imprensa na formação dessas identidades nacionais.

A ideia de um organismo sociológico atravessando cronologicamente um tempo vazio e homogêneo é uma analogia exata da ideia de nação, que também é concebida como uma comunidade sólida percorrendo constantemente a história, seja em sentido ascendente ou descendente. Um americano nunca vai conhecer, e nem sequer saber o nome da imensa maioria de seus 240 milhões de compatriotas. Ele não tem ideia do que estão fazendo a cada momento. Mas tem plena consciência da atividade constante, anônima e simultânea deles. (ANDERSON, 2008, p. 81)

Para Anderson, compartilhar a leitura de notícias com outros falantes da mesma língua gerava a criação de uma memória coletiva comum, que ajudou a criar comunidades. Além disso, esses leitores compartilhavam também os mesmos assuntos.

E não só o jornal teve importante papel, como os livros também – por isso, inclusive, Anderson dedica-se também ao desenvolvimento do capitalismo editorial. Saber que o que se lia poderia ser virtualmente discutido com qualquer falante da mesma língua gerava um laço entre esses indivíduos, no sentido de que eles passavam a dividir interesses, mitologias e memória comum.

Voltaremos ao centro da análise de Anderson no capítulo seguinte, quando partimos de fato para a discussão sobre o papel dos canais árabes via satélite na construção da identidade

árabe. Antes, entretanto, é preciso contextualizar o conceito de nacionalismo que será usado em relação ao grupo estudado – os imigrantes árabes.

4.3. Nacionalismo X Etnicidade

Nos últimos vinte anos, a teoria fundamental de Benedict Anderson sobre a nação como uma “comunidade imaginada” desencadeou uma série de obras críticas nas diversas disciplinas. Anderson mostrou que a nação foi criada no Novo Mundo das Américas, tornando-se um modelo transplantado primeiramente para a Europa e depois para a África e a Ásia (p.4). Já Partha Chatterjee (1993) argumentou que a ideia de nação não foi simplesmente transplantada pelas potências ocidentais, mas já era definida pelas elites coloniais.

Appadurai (2004), afirmou que vivemos em mundos imaginados, e não mais em comunidades imaginadas, como defendeu Anderson. E recentemente os antropólogos têm estudado como as nações são imaginadas por meio de bens de consumo globalizados como a Coca-Cola (DAVILA, Arlene. 2002), por meio da televisão (ABU-LUGHOD, Leila. 1995) e de redes de imigrantes (BASCH, Linda. 2001).

É essa última possibilidade que se pretende explorar no capítulo a seguir: como as relações hierárquicas entre a etnicidade e nação se reorganizaram no sistema mundial, de modo que aquela deixou de ser simplesmente periférica a esta. Para a presente análise, portanto, utilizaremos o conceito de nacionalismo para falar do sentimento de pertencimento à uma etnicidade – no caso, a árabe – por meio da teoria de Anderson sobre o papel da imprensa no processo de formação de comunidades imaginadas.

5. CANAIS VIA SATÉLITE E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÁRABE

“Eu discuto a política libanesa com meus irmãos; minha esposa pode comentar sobre a novela com as irmãs que moram no Líbano e meus filhos agora conversam sobre filmes libaneses com os primos”. Foi com assim que um imigrante libanês que entrevistei definiu as vantagens de se assinar os canais via satélite em casa. Ele fez a instalação ano passado, optou pelo pacote mais caro, e não se arrepende. Pelo contrário, dizia não saber por que demorou tanto (ele vive no Brasil há 10 anos).

5.1. Criando um repertório comum

Cada um pode ter seus motivos (como já falamos no capítulo 3), mas é certo que, independente do porquê de optarem por receber os canais árabes em casa, a escolha acaba afetando a família do imigrante de alguma forma. Se antes, por exemplo, o hábito fosse assistir ao Jornal Nacional todos os dias, ele foi substituído por telejornais do país de origem (ou de outro em língua árabe). Se fosse assistir à novela das oito, substitui-se por uma produção do país de origem.

Apesar de esse processo de troca ser similar, cada tipo de programa tem uma especificidade. Portanto, para a presente análise, dividiremos os exemplos e as discussões em “telejornais” e “entretenimento” em um primeiro momento.

5.1.1. Telejornais: fontes locais como alternativa

O Jornal Nacional é um exemplo interessante pois, de acordo com o senso comum, acredita-se que o que for notícia no JN vai ser o assunto do dia seguinte³⁰. Nesse sentido, ele funciona como os jornais dos quais Anderson falava, que uniam os leitores (no caso do JN, telespectadores) em torno dos assuntos do dia, criando uma memória coletiva. Quando, entretanto, um grupo de telespectadores troca o telejornal brasileiro pelo árabe, a memória passa a ser compartilhada com outros imigrantes.

30 BONNER, William. “JN – Modo de Fazer”. Ed. Globo, São Paulo, 2009, p.36

O interessante é que, mesmo que assistam canais diferentes, a não ser que se trate de um telejornal muito local, quem assiste produções de países diferentes costuma saber mais ou menos sobre os mesmo assuntos – com algumas especificidades regionais, é claro. Obviamente que um jornal libanês dará um enfoque diferente a uma matéria do que um iraquiano, mas é fato que eles darão notícias que, por exemplo, não saberemos no Brasil.

Outro aspecto interessante é a abordagem. Afinal, mesmo que com realidades políticas muito diferentes, a maneira de dois países árabes tratarem um fato que envolva países médio-orientais vai ser quase sempre mais próxima entre si do que, por exemplo, a cobertura americana, ou ainda brasileira, do mesmo fato. E, como falamos no capítulo 3, essa fonte alternativa de notícias sobre a região de onde se vem é um dos maiores atrativos para os imigrantes assinarem os canais árabes. Afinal, não se sentem satisfeitos com a cobertura da mídia brasileira sobre determinados assuntos que os interessam e preferem se informar melhor “direto da fonte”.

Diante disso, o imigrante árabe pode, portanto, comentar os últimos acontecimentos de seu país com outros imigrantes que igualmente assistem aos canais árabes em casa. Aliás, a discussão não fica reservada a uma classe social (como a repercussão do JN, por exemplo). Basta que também se assista telejornais árabes para se ter um mínimo de repertório comum³¹.

5.1.2. Entretenimento: combustível para bate-papo

Os programas de maior sucesso na colônia de imigrantes, segundo minhas pesquisas com alguns membros, são as novelas e programas de variedades – como na TV Brasileira. Em sua maioria, são assistidos por mulheres e jovens.

Seja pela saudade de se divertir na língua materna ou por qualquer outro motivo, as novelas tem um público cada vez mais cativo. Acredito que a identificação com a realidade retratada e a inevitável lembrança de “casa” é o que mais atrai imigrantes para essas produções. Já o que motiva os descendentes é a curiosidade em conhecer melhor o país dos pais – seus hábitos e maneiras, mas também visualmente – e, para alguns, exercitar o árabe de maneira mais

31 Essa questão do contato entre diferentes classes sociais será tratada mais a frente, ao explorarmos o conceito de comunidade de Anderson adaptado à etnicidade árabe.

leve, se divertindo. Os jovens que entrevistei também afirmaram gostar de filmes, séries, shows e documentários.

Outro público cativo de produções ficcionais são os árabes-muçulmanos. Como vimos no capítulo 3, principalmente as mulheres muçulmanas se sentem pouco a vontade com as novelas e seriados brasileiros, os quais consideram muito liberais.

Nos programas de variedades, com entrevistas, apresentações musicais, receitas, etc, os espectadores podem, por exemplo, conhecer o que há de novo culturalmente, quais são os músicos de sucesso, assistir a reportagens sobre os artistas da novela, entre tantas outras possibilidades.

O público de novelas, série, filmes e programas pode variar, mas o resultado é o mesmo: maior vínculo com o país de origem e assunto para conversar com quem está lá. Uma jovem brasileira pode compartilhar informações sobre um ídolo musical libanês em comum com sua prima que mora no Líbano – antes, talvez elas sequer pudessem reconhecer um interesse em comum. Isso a torna mais próxima de uma menina libanesa do que de uma brasileira (nesse sentido, é claro; afinal, ela não deixa de viver como brasileira).

Além de assuntos familiares, imigrantes também passam a poder discutir sobre os rumos de tal personagem, a carreira artística de um astro, e qualquer outro assunto da região de origem com outros imigrantes. Mesmo que sejam de países diferentes, esses indivíduos passam a ter interesses em comum e formam uma memória coletiva que os une. Esse processo é possível principalmente porque quase todos os canais são transmitidos em árabe. Essa especificidade da língua é o tema que trataremos a seguir.

5.2. Árabe: união pela língua

Como vimos, há mais de duas dezenas de canais via satélite disponíveis no Brasil para o imigrante escolher. Todos em árabe (a exceção da Al Jazeera International, que é inglês). Essa característica possibilita o alcance enorme desses canais, que podem ser assistidos por sírios, libaneses, iraquianos, palestinos, etc.

Vimos no capítulo 3 que a *The Economist* propunha³² que o sucesso de mais de 150 canais via satélite transmitidos para os países árabes era uma prova da possibilidade de união de povos considerados tão diferentes.

Como falei anteriormente, duvido disso³³. Mas proponho retomarmos essa discussão à baila da especificidade brasileira. Afinal, talvez aqui uma adaptação dessa tese da *The Economist* seja possível.

No Brasil, como falado no segundo capítulo, todo imigrante de países árabes era conhecido como “turco” e, embora o termo ainda seja utilizado de forma coloquial, agora são reconhecidos como árabes, não importando a nacionalidade. E é comum que sírios se identifiquem com libaneses, iraquianos com palestinos, etc. Afinal, na comparação com brasileiros, talvez tenham mesmo mais em comum – são “menos diferentes”, eu diria. Portanto, eles não se sentem incomodados com essa denominação. Pelo contrário, o nome da Câmara de Comércio Árabe Brasileira não é esse toa (como vimos no capítulo 2).

5.3. Etnicidade árabe: uma forma de nacionalismo

Nesse sentido, não acho que seja absurdo pensar que a tão falada unidade árabe seja possível aqui. Portanto, não é esquizofrenia estudar o papel desses canais na construção de uma identidade árabe-brasileira. O que faremos, portanto, é um estudo da etnicidade árabe por meio do conceito de nacionalismo de Benedict Anderson; afinal, a tese defendida é de que a imprensa é atuante nesse processo, como foi na construção dos estados nacionais.

A partir de agora, consideremos, portanto, que estaremos nos referindo à etnicidade árabe como uma forma de nacionalismo. Por meio da comparação com os conceitos para a criação de uma comunidade imaginada com as características da comunidade árabe, pretende-se provar que a comparação é possível.

32 Em matéria da edição do dia 24 de janeiro de 2005.

33 Afinal, palestinos podem até se sentirem próximos a libaneses ao assistirem uma novela produzida no país; mas, por outro lado, há limites intransponíveis. Quando, por exemplo, uma mulher dos Emirados Árabes assiste uma personagem com vários namorados em um filme libanês, fica clara a diferença entre os países. Nesse sentido, o Líbano fica tão distante de sua realidade quanto os Estados Unidos.

Se Anderson define a nação como “(...) uma *comunidade política imaginada* - e imaginada como sendo intrinsecamente *limitada* e, ao mesmo tempo, *soberana*” (2008, p. 32), vamos, agora, analisar, conceito a conceito, a aplicabilidade dessa teoria para a etnicidade.

5.3.1. Etnicidade imaginada

O termo “comunidade imaginada” foi cunhado por Anderson por se tratar de uma comunidade formada por membros que nunca conhecerão todos os demais, embora na mente de cada um resida uma imagem dessa comunidade. Assim, mesmo antes da definição das fronteiras dos estados nacionais, as nações já existiam, de forma virtual, imaginada, para cada indivíduo.

Com a colônia árabe, podemos dizer o mesmo. Afinal, eles se sentem parte de um grupo, que compartilha interesses e história comum, e sabem que nunca poderão conhecer todos os outros membros da colônia. A colônia forma, portanto, uma etnicidade imaginada.

5.3.2. Etnicidade limitada

Os membros da colônia sabem que não é possível uma comunidade infinita pois se tratam de imigrantes, expatriados, ou seja, há um limite nessa população, embora não haja fronteiras como Anderson disse que deveria haver (pois não há sequer território), há essa noção dos limites (em termos de quantidade, pelo menos) da colônia – além do próprio limite imposto pela língua árabe. Forma-se, portanto uma comunidade baseada em uma etnicidade imaginada e limitada.

5.3.3. Etnicidade soberana

Para Anderson, o surgimento do nacionalismo está relacionado ao declínio dos sistemas tradicionais de governabilidade e à construção de uma nacionalidade baseada na identificação étnica, racial e/ou cultural, inserida em um projeto de união baseada nas diferenças de um povo para o outro. Nesse sentido, é legítima a comparação, uma vez que os imigrantes se identificam por meio de suas origens étnicas, embora sejam de países diferentes, e, portanto, tenham hábitos culturais distintos.

Anderson se refere à soberania nacional como um símbolo da liberdade em relação às estruturas antigas de dominação. Partindo-se do princípio que muitos imigrantes saíram de seus países por conflitos políticos internos, a busca de liberdade em outra terra é legítima.

A etnicidade árabe é, portanto, imaginada, limitada e soberana.

5.3.4. Etnicidade política

Anderson define a nação como uma “comunidade política imaginada”. Se concluímos que a comunidade árabe é imaginada e soberana, partamos para o aspecto político. Uma especificidade interessante da identidade árabe diante do contexto sociopolítico atual é a identificação por oposição.

Há muita confusão na mídia e em setores da sociedade civil sobre a relação entre árabes, islamismo e terrorismo, embora não necessariamente tenham algo a ver: o Islã é uma religião árabe, mas nem todos os árabes são muçulmanos – aliás, como vimos nos capítulos 2 e 3, a maioria dos imigrantes que vieram para o Brasil são cristãos – e, embora os terroristas digam que trabalham em nome de Alá, não há qualquer relação entre a religião e a atuação política desses grupos.

A confusão, entretanto, é mais comum do que se imagina e os imigrantes, como representantes de seu povo, acabam, muitas vezes, tendo que explicar as diferenças³⁴ e afirmar sua identidade em oposição a esse senso comum – é como se eles precisassem a todo tempo se defender dizendo “sou árabe, cristão (não muçulmano) e pacífico (não terrorista)” ou “sou árabe muçulmano, mas não terrorista”.

Outra possibilidade de se pensar politicamente a identidade árabe é pelo papel social que os imigrantes e descendentes vêm ganhando desde a liberalização. Como vimos no capítulo 2, o tino para o comércio e a necessidade de ajuda para as exportações para o Mundo Árabe alçaram o imigrante como parceiro importantíssimo da economia brasileira. Esse prestígio já alcançou a esfera política e, como foi dito anteriormente, reconhecido até por presidentes da república.

34 Em “Televisão e imigração palestina: perigos e invisibilidades no trabalho antropológico”, Denise Jardim fala sobre os frequentes convites da RBS TV (filiada da Rede Globo no Rio Grande do Sul) para que membros da comunidade palestina comentem não só o conflito entre Israel e Palestina, mas também notícias que não necessariamente tenham a ver com sua origem, como a Guerra do Iraque.

A identificação por oposição somada à nova posição do árabe na política nacional mostram que a comunidade imigrante árabe é política, imaginada, limitada e soberana.

5.4. Etnicidade e nacionalismo: a prova real

Se a análise do papel dos canais árabes na formação de uma identidade árabe unificada foi uma hipótese, a percepção de que poderíamos encaixar as características da colônia nos conceitos de nação de Anderson é a prova real de que a relação faz sentido. Dessa maneira, podemos, sim, supor que a etnicidade é uma nova forma de nacionalismo, que não respeita fronteiras.

Sentir-se árabe-brasileiro é, portanto, um transnacionalismo étnico. Embora cada imigrante tenha uma nacionalidade, quando decide viver no Brasil, parece aceitar essa nova identidade – não sem fazer negociações, é claro.

Obviamente, não se pode ser ingênuo em afirmar que a identidade é homogênea. Há miscigenação, há quem se sinta menos pertencente à colônia que outros, etc. Mas, de uma maneira geral, essa análise se aplica.

O interessante é a possibilidade de perceber como um meio de comunicação pode atuar nesse sentido. Afinal, foi a partir da experiência dos canais árabes via satélite que foi possível perceber o crescimento da tão buscada unidade árabe, também possível graças às especificidades da colônia árabe no Brasil.

6. CONCLUSÃO

Na introdução deste trabalho, perguntei se ser um agente duplo era possível. Depois de conhecer o histórico da imigração árabe, a luta pela legitimidade e o reconhecimento da formação de uma identidade unificada, pode-se dizer que sim. Pelo menos no Brasil, e de acordo com as especificidades dessa colônia.

É extramente válido, entretanto, que se saliente a grande diversidade que existe, mesmo dentro de uma colônia tão coesa como a árabe. Obviamente, há diferenças entre nacionais de cada país, mas, de uma maneira geral, há, sim uma aproximação que só existe aqui no Brasil. Essa especificidade não pode ser negada. Pelo contrário, precisa ser estudada. E foi extremamente importante pessoalmente poder fazer essa análise com base em um fenômeno de comunicação de massa, os canais árabes via satélite.

O presente trabalho pretendeu discutir essa questão e provar que a etnicidade é uma (nova) forma de nacionalismo por meio de uma análise da recepção de canais árabes via satélite no Brasil – e conseqüentemente, do enquadramento das características da colônia de imigrantes no conceito de nação de Benedict Anderson. Acredito que, nesse sentido, tenha obtido sucesso.

Neste trabalho tive a oportunidade de analisar, sob diversos ângulos, o processo de formação da dupla identidade árabe-brasileira. E pude entender o papel da comunicação social no processo de construção dessa identidade. De fato, falar em nacionalismo e identidade (trans)nacional em tempos de globalização pode soar anacrônico mas o que se percebe é que há um movimento contra a corrente em algumas comunidades, buscando justamente a valorização do que é único e exclusivo de determinada etnia.

Esse é, entretanto, apenas o começo das possíveis análises que podem ser feitas em torno desse processo, outros caminhos de pesquisa podem ser propostos. Além de uma análise mais aprofundada desse fenômeno da recepção dos canais via satélite que, pode inclusive, incluir a comparação com outros grupos de imigrantes no país, um estudo maior sobre o conceito de transnacionalismo caberia, por exemplo – quais são os limites para o sentimento de pertencimento, até que ponto se é árabe ou brasileiro? Ou uma comparação entre essa colônia e outra de um país com características distintas, como os Estados Unidos, por exemplo.

Particularmente, me intriga também a maneira como a imagem do Brasil chega aos países do Oriente Médio – especialmente o Líbano, já que há mais libaneses aqui do que lá e mesmo em vilarejos remotos há, por exemplo, agências dos correios ou de bancos que efetuam transferências do Brasil. Todas essas possibilidades de aprofundamento são interessantes.

Por enquanto, contudo, fica-se com a mensagem de tolerância e a sensação de que, mesmo diante da receptividade brasileira, ainda temos muito o que aprender e o preconceito não foi de todo vencido. De qualquer forma, é válido aprender com a experiência árabe aqui: os imigrantes, por meio de seu esforço e dedicação conseguiram virar o jogo, mudando a imagem que se fazia deles e mostrando o quanto eram importantes para o desenvolvimento do país. É, de fato, uma lição a se aprender.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização – A modernidade sem peias.** Lisboa: Editorial Teorema, 1996.
- BENEDICT, Anderson. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BONNER, William. **JN – Modo de Fazer.** São Paulo: Ed. Globo, 2009.
- CAMPOS, Mintaha Alcuri. **Turco pobre, sírio remediado, libanês rico: a trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo.** Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.
- DUOUN, Taufik. **A emigração sírio-libanesa às terras de promessa.** São Paulo: Penna Editora, 1996.
- GREIBER, Betty Loeb et alii. **Memórias da imigração - libaneses e sírios em São Paulo.** São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- JUNIOR, Amarilio. **As vantagens da imigração síria no Brasil.** Rio de Janeiro, 1935.
- KARAM, John Tofik. **Um Outro Arabesco - A Etnicidade Sírio-libanesa no Brasil Neoliberal.** São Paulo: Martins Fontes, 2009
- KNOWLTON, Clark S.. **Sírios e Libaneses: mobilidade social e especial.** São Paulo: Anhambi, 1961.
- LESSEY, Jeffrey. **Negociando a Identidade Nacional: Imigrantes, Minorias e a Luta pela Etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- MONTENEGRO, Silvia Maria. **Identidades Muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização.** Leiden: Lusotopie, 2002.

SAFADY, Jorge. **A Imigração Árabe no Brasil (1880-1971)**. Tese de doutorado em História: FFLCH/USP, 1972.

SIMMEL, George. **O Estrangeiro**. 1908. apud WOLFF, Kurt. “The Sociology of Georg Simmel”. New York: Free Press, 1950.

TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e Libaneses: Narrativas de História e Cultura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

JARDIM, DENISE. **Televisão e imigração palestina: perigos e invisibilidades no trabalho antropológico**. Trabalho apresentado no XXXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, em outubro de 2007 e publicado por The Hebrew University of Jerusalem (Volume 2, Número 1, Fevereiro de 2009).